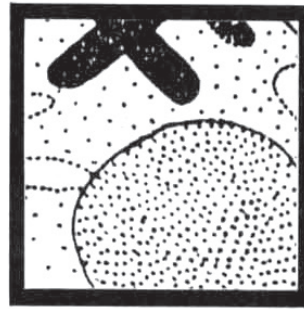


A construção original do território americano

ULPIANO T. BEZERRA DE MENESES



Montagem feita a partir de gravuras rupestres



QUEM DESCOBRIU A AMÉRICA?

Ainda que as palavras "descoberta", "descobrimento", sobretudo no século XX, possam estar associadas a proezas no campo científico, seu uso corrente, em especial quando se fala de "Grandes Descobertas", conota, como apontou Georges May(1), o encontro de terras até então inexploradas e, mais ainda, as revelações produzidas por viagens como as de Fernão de Magalhães, Vasco da Gama, Bartolomeu Dias, Colombo. Nesse sentido, a pressuposição é a de um desconhecido que ganha ser e inteligibilidade somente a partir dessa luz projetada.

Seja para contestar explicitamente tal postura eurocêntrica (e muito mais ainda, iberocêntrica), seja para valorizar, com dados científicos, a presença humana nas Américas há muitas dezenas de milhares de anos, a data-fetice de 1492 tem sido descartada — ou, então, emblematicamente eleita como marco para assinalar o início de um doloroso processo de desestruturação de culturas e violenta conquista, cujos efeitos negativos não podem ser minimizados(2).

No entanto, tais noções, no século XVI e seguintes, são mais complexas, pois não pressupõem apenas uma anterioridade em desvelar o "desconhecido", mas também um reconhecimento, redescoberta, como lembra Marianne Mahn-Lot, projeção de um imaginário decantado desde a Idade Média(3). O processo de expropriação-apropriação a que deu origem hoje talvez pudesse mais propriamente ser classificado como "invenção", um pouco à semelhança do que propõe O'Gorman(4). Ou, mais precisamente, por "construção" — para manter o paralelismo com as demais descobertas da América/Brasil, articuladas neste dossiê. Conviria, assim, examinar esta construção primordial de um objeto empírico, o *espaço americano*, ou melhor, o território, concebido como sendo o espaço natural a que os habitantes originais socialmente atribuíram uma forma (muito pouco marcada), uma função (mais complexa do que parece à primeira vista) e um sentido (sensivelmente mais amplo e profundo que o dos descobridores).

Nessa linha, já de início se impõe uma observação algo irônica. Não há nenhuma evidência, até o presente — e teoricamente é remota a possibilidade — de que o homem americano seja autóctone. Inexiste qualquer fundamento para imaginar que o processo de hominização desenvolveu-se também aqui. Ao contrário, toda documentação aponta para o reconhecimento, nos mais antigos habitantes do continente, de formas arcaicas já de nossa espécie: o *Homo sapiens*, originário da África, de onde se passou para a Europa e a Ásia. Ora, tudo leva a crer que o estoque original — senão exclusivo, pelo menos o mais relevante — da população americana proveio do Velho Mundo (Eurásia)...(5). Por outro lado, hipóteses ainda carentes de confiabilidade mencionam a possibilidade de contatos transatlânticos e transpacificos; tudo indica, entretanto, que o continente americano permaneceu substancialmente isolado, até mesmo da Ásia, após a chegada das vagas originárias. O rompimento apenas se deu, ao final do século XV, com a chegada dos europeus. Funcionou, assim, durante milênios, como um verdadeiro *giant island laboratory*" (6), para estudos de processos evolutivos internos, sem a necessidade de recorrer a explicações difu-

ULPIANO T. BEZERRA DE MENESES é diretor do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

1 Georges May, "Voyages imaginaires, découvertes réelles", in *La Découverte, Corps écrit*, 27, 1988, pp. 27-36.

2 Cf. E. Galeano et alii, *América Latina: 500 anos de conquista*, São Paulo, Icone, 1987; ou o prefácio de Jesse D. Jennings, in J. D. Jennings (ed.), *Ancient native Americans*, San Francisco, Freeman, 1978, p. VII.

3 Marianne Mahn-Lot, *A Descoberta da América*, São Paulo, Perspectiva, 1984, pp. 113-7. Em linha paralela, diz A. Gerbi, *Nature in the New World*, Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, 1985, p. 9: "The truth of the matter is that the first questions posed by the New World, far from being so many threats to the convictions and systems of the Old World (aqui ele se refere a E. O'Gorman), repeated doubts and queries that were already fully familiar to Europe's tormented conscience". P. Chaunu, *Expansão Européia do Século XIII ao XV*, São Paulo, Pioneira, 1978, pp. 179-80, lembra a significativa expressão que consta em Duarte Pacheco, "mandar o descobrimento".

4 Edmundo O'Gorman, *La Inven-
ción de América*, México, FCE,
1958.

5 Ver Stuart Fiedel, *Prehistory of the
Americas*, Cambridge, Cambridge
University Press, 1987, pp. 22-32.
Para outros aspectos, ver Alan
Lyle Bryan (ed.), *New Evidence for
the Pleistocene Peopling of the
Americas*, Orono, Center for the
Study of Early Man, 1986; David
Browman (ed.), *Early Native Ameri-
cans*, The Hague, Mouton, 1980.

6 A expressão é de Fiedel, op. cit., p.
342; ver ainda o capítulo cético
sobre difusionismo na América,
ibidem, pp. 340-7, assim como
Paul Tolstoy, "Transoceanic Dif-
fusion and Nuclear America", in
Shirley Gorenstein et alii, *Prehis-
panic America*, London, Thames
and Hudson, 1974, pp. 124-44;
também Stephen C. Jett, "Pre-
Columbian Transoceanic Con-
tacts", in Jesse D. Jennings (ed.),
op. cit., pp. 593-650.

7 Para o exemplo de preconceitos
ainda mais rígidos, que não ultra-
passam o teto de 10.000 anos, ver
W. T. Sanders & J. Marino, *Pré-his-
tória do Novo Mundo*, Rio, Zahar,
1971 (original de 1970), pp. 48 e
segs.

8 A. Laming Emperaire, "Le
Peuplement de l'Amérique", in J.
Poirier (dir.), *Ethnologie
Regionale*, 2 (Encyclopédie de la
Pleiade), Paris, NRF, 1968, pp.
1059-75.

9 Niède Guidon, "O Pleistoceno no
Sudeste do Piauí", in *Anais do I
Simpósio de Pré-história do Nor-
deste Brasileiro*, Recife, Uni-
versidade Federal de Pernambu-
co, 1991 (Clio, Série Arqueo-
lógica, 4), pp. 17-8.

10 Pedro I. Schmitz, "Prehistoric
Hunters and Gatherers of Bra-
zil", in *Journal of World Prehis-
tory*, 1 (1), 1987, pp. 53-126.

11 Maria da Conceição de M. C. Bel-
trão e Martha Locks, "Climatic
Change in the Archaeological Re-
gion of Central, Bahia, Brazil, as
Shown by Interpretation of Prehis-
toric Rock Paintings", in D. A.
Posey & W. L. Overall (orgs.), *Ethno-
biology: Implications and Applica-
tions (Proceedings of the I Interna-
tional Congress of Ethnobiology,
Belém, 1988)*, Belém, Museu Goel-
di, 1990, vol. 1, pp. 99-112.

12 Aziz N. Ab'Sáber, "Problemas das
Imigrações Pré-históricas na Amé-
rica Latina", in *Anais do I Sim-
pósio de Pré-história do NE Brasi-
leiro*, op. cit., pp. 11-5; idem, "Pa-
leo-climas Quaternários e Pré-his-
tória da América Tropical", in
*Anais da IV Reunião Científica da
SAB, Dédalos* (Publs. Avulsas, 1),
São Paulo, MAE-USP, pp. 9-25.

sionistas — que, no Velho Mundo, ainda se colocam para estabelecer origens para a cerâmica, para a agricultura, a urbanização, a metalurgia, a formação do estado, a presença de temas mitológicos comuns e outras invenções culturais. O isolamento rompido também se referia, internamente, às culturas americanas, apesar de contatos eventuais a longa distância. As descobertas da América, portanto, têm o Velho Mundo como referencial, quer na sua constituição primeira, quer na sua incorporação, muito mais tarde, à consciência de sua totalidade, por via do projeto colonial europeu.

A OCUPAÇÃO INICIAL DO TERRITÓRIO

Não é o caso, aqui, de apresentar uma síntese da ocupação inicial do território americano, nem, mais limitadamente, daquele que corresponderia, de forma aproximada, aos limites geopolíticos do atual território brasileiro. Não apenas estaria fora do propósito deste texto, como também se correria o risco de apresentar, forçosamente, um quadro complexíssimo e, sobretudo, lacunoso, à vista da abundância de dados recentemente produzidos pela pesquisa arqueológica, biológica, lingüística e paleoambiental, que ainda não foram suficientemente decantados, para utilização num panorama coerente e consistente.

O objetivo maior é apenas apontar o necessário para justificar algumas reflexões pertinentes ao tema.

Há tempos se consolidou a hipótese de que o último período glacial da América do Norte (Wisconsin/Würm), ao propiciar a formação de gelo, provocou a emersão, entre a América do Norte e a Ásia, no atual estreito de Bering, de uma ponte de terra firme e desimpedida, por onde já transitara a fauna e, depois, veio a transitar o homem que ocupará o Novo Mundo. Alasca e Sibéria integram, assim, uma mesma massa continental, tornando possível que grupos de origem asiática caminhassem por um corredor livre entre geleiras, dirigindo-se ao sul, até o istmo do Panamá e, depois, penetrando na América do sul.

Todavia, há divergências, hoje, quanto às datas. Até recentemente, predominava a tendência conservadora, que colocava, na pior das hipóteses, uma ocupação de 10.000 anos(7). As tendências mais ousadas(8) propunham, na melhor das hipóteses, um máximo de 70.000 anos para a travessia da Beríngia; 48.000 para a chegada à Califórnia; 38.000 para o Texas, e, após o istmo do Panamá, 18.000 para os Andes centrais; 11.000 para o sul de Santiago e, no extremo meridional, 8.000 para o estreito de Magalhães. A leste, no Planalto Brasileiro, se teriam também datas de 12/10 mil anos, para sítios como Alice Böer em São Paulo e Lagoa Santa, em Minas Gerais.

Agora, porém, vêm-se multiplicando as datações radiocarbônicas e, com elas, propostas de recuos consideráveis para a cronologia. Doutra parte, muitas datas provêm de regiões até há pouco colocadas à margem desse processo e que, portanto, aparecem agora com sua posição invertida. É o que está ocorrendo com o Nordeste brasileiro, considerado área de ocupação recentíssima. Hoje, datações referentes a sítios no sudoeste do Piauí, no município de São Raimundo Nonato, distante mais de 500 quilômetros de Teresina, fruto dos trabalhos iniciados por Niède Guidon e sua equipe(9) há mais de 21 anos, já permitiu o estabelecimento de 46 datações de C 14. Somente na Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada, com plausibilidade, foram produzidas datações de 48.000, que podem ser projetadas até algo como 60.000 anos.

Outras datas próximas de 12.000 antes do presente (fim do Pleistoceno/início do Holoceno, período em que também nos encontramos) são numerosas: Abrigo do Sol (Mato Grosso), Lapa Vermelha (Minas Gerais), etc.(10). Para a Bahia, Conceição Beltrão propõe projeções ainda mais recuadas, baseadas até mesmo em inferências de contemporaneidade, na pintura rupestre, do homem com animais pleistocênicos extintos: 30.000 (11).

Tais propostas obrigariam também a recuar a cronologia da América do Norte. Ora, precisamente em suas regiões norte e noroeste faltam evidências — explicáveis se se levar em conta a ação destruidora que o gelo deve ter desempenhado.

Seja como for, hoje se postula que, em diversos momentos, na última glaciação — entre 80 e 70 mil anos, 50 e 40 mil, e posteriormente, foi possível a passagem a vau entre os dois continentes — devendo-se imaginar várias levas(12). Também se acredita que esses bandos de coletores-caçadores (especializados em animais de



grande porte) se deslocaram de oeste para leste, no início, prosseguindo depois em direção ao sul, mais quente. Após o istmo do Panamá, três braços podem ser identificados. O primeiro, ladeando a região andina, vai até a Patagônia. O segundo, contornando a Venezuela, chega até aproximadamente a região das Guianas. O terceiro transpõe os Andes à altura da Colômbia e abre, assim, caminho para um movimento de enorme amplitude: "braço colonizador é o braço tronco de toda a diáspora do homem pleistocênico pela América Meridional", como diz Aziz Ab'Sáber(13). É este braço que vai ter ao Piauí, ao vale do São Francisco, ao sudoeste de Goiás e, bem mais ao sul, ao vale do Uruguai.

Entre 50-40 mil e 13 mil anos atrás, há manifestações de desintegração da tropicalidade, com episódios de semi-aridez e desaparecimento da fauna pleistocênica; o período de aguçamento máximo varia de 14 a 13.000. Há, assim, novos deslocamentos de população, ao cabo dos quais, por volta de 11.000, se consolidam as primeiras grandes tradições líticas, referidas a coletores-caçadores, agora, não-especializados, mas habituados a animais de pequeno porte.

No litoral, após 4.000 a.C., quando o nível do mar amplia a oferta de alimentos (moluscos sobretudo), consolida-se uma nova ocupação que vai aproveitar os recursos marinhos então oferecidos. São os habitantes dos sambaquis, estruturas às vezes enormes, construídas com conchas – restos de alimentação – e que perdurarão por uns 3.000 anos, ocupando com maior densidade o litoral do Rio Grande do Sul até o norte do Rio de Janeiro.

A complementação da caça-coleta pela agricultura incipiente tem por referência a domesticação ou semidomesticação da mandioca doce (ca. 2.000 a.C.), nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo; em Minas Gerais é o milho que se encontra, provavelmente de origem mexicana, transmitido via Andes (ca. 1.500 a.C.).

A cerâmica aparece em sambaquis do litoral amazonense do Maranhão por volta de 3.000 antes do presente e, na foz do rio Amazonas, 2.000 anos depois(15).

Este quadro sumário permite refletir sobre quatro características dessa ocupação original do território americano.

A GRANDE CAMINHADA

Um dado capital: essa construção primeira, concreta, empírica, física, de um imenso território, de norte a sul do con-

L. Ogelt-Ros



Acima, Toca do Salitre; ao lado, Toca do Pitombi

13 Idem, *ibidem*, p.11.

14 P. I. Schmitz, *op. cit.*, pp. 43-71.

15 J. Proenza Brochado, "Um Modelo Ecológico de Difusão da Cerâmica e da Agricultura no Leste da América do Sul", in *Anais do I Simpósio de Pré-história do NE Brasileiro*, *op. cit.*, pp. 85-7. Para a domesticação de plantas em Minas e Rio-Espírito Santo, ver A. Prous, "Minas Gerais", in P. Schmitz *et alii* (orgs.), *Temas de Arqueologia Brasileira*, 2. Arcaico do interior, *Anuário de Divulgação Científica*, 6, 1978-80, pp. 33-42; Ondemar Dias Jr., *ibidem*, pp. 25-31; Ondemar Dias Jr. & Eliana Carvalho, "Um Possível Foco de Domesticação de Plantas no Estado do Rio de Janeiro-RJ-JC-64 (sítio Corondó)", in *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, 1983 (Ensaio, 1).

tinente, se dá pela caminhada, passo a passo. Por certo, não se exclui a possibilidade de alguma vaga complementar ter-se utilizado de barcos, com escalas nas ilhas continentais, mas a hipótese, se comprovada, permaneceria marginal. Também não se ignora que, posteriormente, a canoa deve ter exercido papel importante junto a povos ribeirinhos, como na Amazônia. Os coletores-caçadores pleistocênicos, porém (os iniciadores das vagas sucessivas), não desenvolveram padrões de assentamento à beira-rio. A razão é simples: sendo os rios pleistocênicos de tipo torrencial ou intermitente, era preferível depender de olhos d'água, fontes, brejos(16).

Os euroasiáticos, a seu tempo, domesticarão animais de tração como o cavalo e o boi e explorarão a roda. Ora, a domesticação de animais no Novo Mundo teve alcance limitadíssimo. Basta dizer que não só inexistiram animais de tração, mas também de corte e para outros fins. A lhama é exceção, muito bem adaptada às condições severas de altitude nos Andes. Quanto à roda, não se fez necessária, nem mesmo a um império como o Inca, que promoveu a abertura de 16.000 km de estradas.

Assim, o território americano foi basicamente construído da forma mais imediata, mais corporal, que se poderia imaginar.

AS MOTIVAÇÕES

As descobertas européias foram impulsionadas por um projeto colonial, de início pouco explícito e confuso, em que os interesses econômicos e políticos se articulavam solidariamente com os propósitos da catequese. Tudo isso condimentado com a atração do desconhecido e da aventura.

Por certo, a ocupação primeira das Américas, numa perspectiva radicalmente diversa, caracteriza-se, antes de mais nada, como uma migração. Os pequenos números impedem que se pense em pressão demográfica a deslanchar o processo. Os indícios apontam para as condições climáticas, com frio severo, que também afetava os animais. Não se deve, entretanto, imaginar minúsculos bandos, em constante movimento, freneticamente obcecados pela ameaça da fome. O que se conhece hoje dos padrões mais correntes de caçadores-coletores, os apresenta como capazes de entender perfeitamente a organização da paisagem e de formular estratégias eficientes e econômicas, para garantia da sobrevivência. Se a visão idílica de Marshal Sahlins que os caracterizava como primeira manifestação da sociedade de abundância (" *affluent society* ") hoje é contestada, nem por isso se deixa de reconhecer que apenas uma parcela mínima do tempo é consumida com tarefas de subsistência(17).

Nesta penetração funda até o extremo meridional do continente e no ramo transandino que vai espalhar-se no território brasileiro, deve-se sempre supor a procura dos mesmos ambientes e recursos. Daí não ter havido mudanças consideráveis do ponto de vista adaptativo. Já o ramo que circunda a Venezuela até as Guianas, no Caribe, passa de um modo de vida continental a padrões de vida litorânea.

A história subsequente, por certo, é mais diversificada. Há fenômenos de grande amplitude ecológico-cultural, como a já mencionada desintegração da tropicalidade, que também provocam amplos movimentos populacionais.

Fora estas pressões ambientais, podem ser lembradas todas aquelas motivações para a mobilidade de grupos tribais, ainda que semi-sedentários, de variadíssima natureza e alcance: razões rituais, rixas familiares ou políticas, trocas simbólicas (de bens materiais, informações e mulheres), pragas animais, e, sem dúvida, a guerra, fator importante de coesão social e de qualificação dos guerreiros no seio do grupo. É claro que também se poderia falar nas guerras para a garantia de territórios de caça ou campos agricultáveis, mas seus indícios são bem mais tênues. Sem dúvida, a agricultura impõe outra base de territorialidade e suscita mudanças periódicas em função do esgotamento do solo pelo sistema de coivara e a necessidade de pouso, por algum tempo(18).

Finalmente, em épocas mais recentes, é o caso de mencionar os impérios, como o asteca, o maia, o inca, que se estenderam, principalmente este último, por imensos espaços, pressupondo um novo tipo de comportamento territorial(19).

ESCALA ESPACIAL

A escala da ocupação original é impressionantemente ampla. Linearmente, percorre o continente de norte a sul.

16 Aziz N. Ab'Sáber, op. cit., p. 12.

17 Cf. Roger Lewin, "New Views on Hunters and Gatherers", in *Science*, 240, 1988, pp. 1146-8.

18 Para todos estes temas, Berta Ribeiro levantou bibliografia relevante em "Perspectivas Etnológicas para Arqueólogos, 1957-1988", in *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais/BIB*, 29, 1990, pp. 32, 34, 43, 44.

19 Cf. P. Bequellin et alii, *Civilisations précolombiennes. Mexique-Pérou*, Paris, Larousse (Encyclopédie Larousse), 1978.

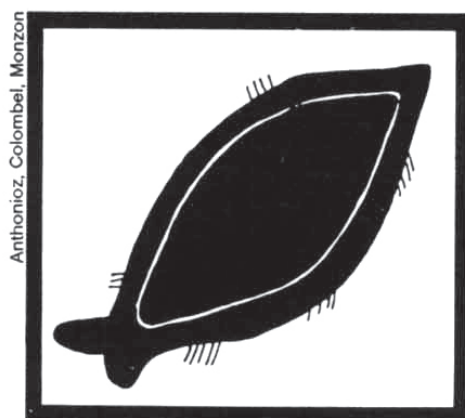
Note-se que as barreiras geográficas são muito mais suaves que as do Velho Mundo, ainda que se contem a cordilheira dos Andes, por exemplo, ou a floresta amazônica, ou as compartimentações do Planalto Brasileiro, etc.

Um traço, contudo, deve ser ressaltado: a extensibilidade, em princípio, do espaço, presente em várias regiões. Aliado aos fracos contingentes de população, isso implica na pulverização dos grupos nesses ermos, os quais se oferecem, sem limites, à colonização. A. Laming-Empeaire chega mesmo a mencionar uma "vacuité absolue" para justificar a ausência de padrões fortes de concentração(20).

Tal extensibilidade serviu até mesmo para alimentar a discussão sobre o surgimento/não-surgimento do estado, como em Robert Carneiro(21), por exemplo, que somente o acredita viável em espaços compartimentados, concentrados, de maneira que a solução dos conflitos internos não se faça, de imediato, por cissiparidade, mas se encaminhe para o investimento tecnológico e a concentração do poder.

Estas amplas dimensões espaciais estão presentes sob vários aspectos, por exemplo, na distribuição, por vastos territórios, de um mesmo padrão cultural. Assim, acontece com uma das primeiras grandes tradições líticas surgidas, a Tradição Itaparica, que se espalha por apreciável área do Nordeste, incluindo Minas Gerais, Pernambuco, Goiás, Bahia, Piauí(22). Outro exemplo impressionante é o da migração tupi-guarani – ainda em curso no momento da chegada dos europeus – que vão encontrar os migrantes ao longo de 6.000 km de costa.

É preciso também lembrar nas Américas a existência de contatos mais ou menos esporádicos de comércio a longa distância. Betty J. Meggers menciona vários exem-



plos(23): os hoppewellianos do vale do Ohio (100 a.C./400 d.C.), obtinham obsidiana e dentes de urso do Wyoming, jacarés e conchas marinhas do golfo do México, esteatita e mica de Vermont e New Hampshire, cobre das margens do Lago Superior: a aparente "inutilidade" destes bens não lhes diminui a importância e, portanto, o vastíssimo raio de ação que implicam. Também a mecânica da difusão de cucurbitáceas domésticas parte da Mesoamérica e chega à zona oriental do norte do continente, por volta de 2.000 a.C.

ESCALA TEMPORAL

A invenção do território americano, para ficarmos apenas dentro dos limites geopolíticos da futura nação brasileira, tem quase 60.000 anos de gestação. As mudanças se processaram, dentro dele, num ritmo, também, de grande amplitude. Os padrões de permanência sempre foram fortes. Dois exemplos são significativos. Uma outra das tradições líticas importantes, agora no sul, a Tradição Umbu, caracterizada por pontas de projétil, e representada em mais de 400 sítios, prolonga-se do 7º milênio a.C. até o início da era cristã, sem alterações dignas de menção. Por outro lado, no Piauí, há grutas que foram ocupadas por milhares de anos(24).

CONTATO: A DESINTEGRAÇÃO DO TERRITÓRIO

As diversificações que se iniciam com o Holoceno produziram, nas Américas, um quadro de extrema heterogeneidade, com o qual o europeu vai defrontar-se: "his-

20 Annette Laming-Empeaire, *Le problème des Origines Américaines*, Paris, Eds. de la Maison des Sciences de l'Homme/Lille, Presses Universitaires de Lille, 1980, p.140.

21 Para uma reavaliação do problema, ver "Part III: Synthesis", in H. J. M. Classen & P. Skalnik (eds.), *The Early State*, The Hague, Mouton, 1978, pp. 531-650.

22 P. I. Schmitz, op. cit., p. 92.

23 Betty J. Meggers, "El Significado de la Difusión como Factor de Evolución", in *Revista Chungara*, 14, 1985, p. 85.

24 N. Guidon & G. Delibrias, "Carbon 14 Dates Point to Man in The Americas 32.000 Years Ago", in *Nature*, 32 (6072), 1986, pp. 769-71, apresentam uma cronologia contínua para o Boqueirão do Sítio da Pedra Furada, indicando uma ocupação de 6.160 ± 130 a 32.160 ± 100 anos antes do presente.

toricamente, o continente sul-americano como um todo tem fornecido um grande leque de diversidades de sistemas sociopolíticos. Encontramos nele sociedades de caçadores, pescadores e coletores vivendo em comunidades altamente móveis, desfrutando de sistemas culturais baseados na posse coletiva de um território, na distribuição igualitária de recursos, em formas acéfalas de organização política: populações organizadas em aldeias permanentes, com agricultura acompanhada de caça, pesca e coleta, onde o governo descentralizado não permite o exercício de força ou dominação de uns membros sobre os outros; cacicados hierárquicos, com centralização de poder coordenando uma vasta rede de comunidades inter-relacionadas, sem falar em cidades-estados e impérios como o incaico e seus precursores" (25).

No entanto, subjacente a tal heterogeneidade encontra-se um suporte comum, que o europeu foi incapaz de compreender: o espaço apropriado, não como fonte de recurso ou instrumento de produção, nem objeto de significação política, mas como indispensável vetor da vida social, capaz de articular entre si os diversos componentes de um grupo, articulando-os, por sua vez, com as demais esferas de existência: o universo dos ancestrais, ou das entidades que promovem a fertilidade e garantem a vida, o sobrenatural, etc. No entanto, nesses territórios, os europeus viram um *vazio*. Em radical oposição ao seu verdadeiro significado, os espaços foram considerados como desprovidos de conteúdo social (não eram suporte de assentamentos do tipo a que estava habituada a Europa). Essa *vacuidade* legitimará a expropriação-apropriação.

Laurette Séjourné(26) refere-se à arquitetura imponente de Macchu Picchu, que se organiza em torno das escarpas até o pico da montanha, associando-a a outros "espaços esculpidos" dos peruanos em que ela vê " *la progresiva humanización de la naturaleza mediante una estrecha y amorosa solidaridad*". No entanto, nem a grandiosidade da paisagem impediu que os espanhóis, conforme o testemunho de Garcilaso, que ela registra, se manifestassem incapazes de compreender quais noções de ação humana e de natureza estavam envolvidas: " *creyeron ver en el repeto por las montañas, las fuentes, los árboles, los animales o las cosechas una grosera idolatria*".

Na América portuguesa, não diferiu a resposta. O padre Simão de Vasconcelos(27) tem uma curiosa descrição da natureza americana, apresentada como dádiva divina, mas à qual, em contrapartida, corresponde uma população de bárbaros, irremediavelmente "naturalizados", impróprios para ocupá-la:

"Quem considerasse com atenção a liberalidade com que o Autor do universo repartio seus bens naturaes com esta terra do Brasil, a fertilidade de seu torrão, a frescura de suas campinas, a verdura de seus montes, o ameno de seus bosques, a riqueza de seus thesouros, a delicia de seus ares, e clima: sem duvida que julgaria que à medida de tão bem adornado palácio faria o Senhor a escolha dos homens, que o havião de habitar: qual lá escolheo hum Adão, e Eva á medida do terreal Paraiso, que para elles preparára. Senão que tudo verá muito ao contrario. Lançará os olhos por esses campos, por essas brenhas, por essas serranias; e verá n'ellas especies de gentes innumeraveis, que vivem a modo de feras, e como taes contentes com o tosco das brenhas, e solidão da penedia, desprezando todo o polido dos palacios, cidades e grandezas de todas as mais partes do mundo. Todas estas nações de gentes, fallando em geral, e em quanto habitão seus sertões, e seguem sua gentilidade, são feras, selvagens, montanhezes, e deshumanas: vivem ao som da natureza, nem seguem fé, nem lei, nem Rei (freio commum de todo homem racional). (...) Sua morada he commumente, como de gente isenta de leis, de jurisdição, de republica, por onde quer que melhor lhes parece; huns pelos montes, outros pelos campos, outros pelas brenhas; vagabundos ordinariamente, ora em huma, ora em outra parte, segundo os tempos do anno, e as occasiões de suas comedias, caças, e pescas; sem patria certa, sem afeição alguma, fóra de toda a outra sorte de gentes. Os abrigos de huns, são humas pequenas choupanas, armadas á mão em quatro páos, cobertas de palha, como aquellas que hoje servem, e ámanhã se queimão. Outros que tem mais semelhança de comunidade humana, formão cabanas, ou barracas compridas, desde o principio até o cabo, sem repartimento algum: entremeio alojão dentro vinte, até trinta casaes; destes cada qual se arrancha de hum

25 Alcida R. Ramos, *Sociedades Indígenas*, São Paulo, Ática, 1986, p. 9.

26 Laurette Séjourné, *América Latina, I. Antiguas Culturas Precolombianas*, Madrid, Siglo Veintiuno (Historia Universal Siglo XXI), 1976, p. 295.

27 Pe. Simão de Vasconcellos, *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil*, Lisboa, A. J. Fernandes Lopes, 2ª ed., 1875, vol. 1, pp. LXXXV/VI.



Serranópolis, Goiás

esteio até o outro com seu cão, e fogo, que sempre tem consigo; e aqui vivem juntos todos como cevados em chiqueiro, sem que á memoria lhes venha pejar-se huns dos outros em acção alguma natural".

Um comentário de Purchase, amigo de John Smith, autor da *História Geral da Virgínia*, permite completar o quadro da opacidade do território indígena para o europeu, com um testemunho da América inglesa:

" Christian Englishmen might rightfully seize Indian lands because God had intended his land to be cultivated and not be left in the conditions of that unmanned wild Country, which they (the savages) range rather than inhabit " (28).

" Range rather than inhabit " – "vagam por ele, mais que o habitam": nesta impossibilidade de compreender que o espaço apropriado, o território não é um dado, mas uma construção – submetido, portanto, a um sem-número de possibilidades, funções, formas e sentidos – enraiza-se a justificativa ética para sua destruição.

28 Apud Robert D. Sack, *Human Territoriality. Its Theory and History*, Cambridge, Cambridge University Press, 1986, p. 133.